

Visitas de acompanhamento no contexto do Projeto Pólen (Rio de Janeiro/ Brasil): A permanência do processo formativo.

Aline Amado Mattos¹

Américo de Araújo Pastor¹

Rosilana Veronesi Marinho¹

Carlos Frederico B. Loureiro*

Reinaldo Luiz Bozelli¹

¹Laboratório de Limnologia/IB/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio de Janeiro

alineamattos@gmail.com

projetopolen@limnologia.ufrj.br

Oficina: Formación de Educadores y Promotores Ambientales.

Palavras-chave: Projeto Pólen; Formação continuada; Educação Ambiental; Visitas de acompanhamento.

Resumo:

Este trabalho trata de apresentar as atividades de acompanhamento oriundas de um Projeto de Educação Ambiental no âmbito do licenciamento ambiental, trazendo uma pequena reflexão teórica a respeito do conceito de Educação enquanto formação humana, que situa teoricamente as atividades em foco. Em seguida, apresenta-se como foi o processo de construção e elaboração das vistas de acompanhamento, propostas de continuidade, conteúdos trabalhados e objetivos desses encontros.

Introdução

O Projeto Pólen é um projeto de Educação Ambiental (EA) executado pelo Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Sócio-Ambiental de Macaé, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUPEM/UFRJ), como uma medida mitigadora para o licenciamento ambiental de atividades de produção, tratamento e escoamento de petróleo pela Petrobras nos campos de Marlim (navio-plataforma P-47), Espadarte e área leste do campo de Marimbá (navio-plataforma Espadarte), localizados na Bacia de Campos, Rio de Janeiro, Brasil. O Ibama é o órgão responsável pelo licenciamento ambiental das atividades e pela fiscalização das atividades deste projeto.

O Projeto Pólen tem como objetivos, promover condições para que diferentes representantes da sociedade (organizações e poder público) além dos grupos afetados diretamente pelos empreendimentos construam e resgatem saberes significativos e valores necessários para o fortalecimento da autonomia individual e coletiva. Desta forma serão capazes de compreender a diversidade e complexidade das questões ambientais, desenvolver ações mobilizadoras que contribuam para o encaminhamento das questões ambientais, transformar a realidade existente e conseqüentemente estimular uma maior igualdade social e proteção ambiental.

Para cumprir tais objetivos o projeto tem sua estrutura geral baseada na realização de um Curso de Formação de Educadores Ambientais (CFEA), que se complementa com várias outras atividades que consolidam um processo de formação de educadores ambientais voltado para professores e técnicos, representantes das secretarias de Meio Ambiente e de Educação de treze municípios na área de sua abrangência.

Em linhas gerais, o curso consistiu-se por meio de módulos temáticos presenciais e diversas modalidades de encontros entre os módulos, como visitas de acompanhamento aos grupos nos municípios e fóruns de discussão, que visaram à continuidade e coesão do processo que culminou com a elaboração de projetos municipais de EA.

Ao longo do processo de formação teve início a implantação de polos de EA. Estes, são entendidos como parte fundamental da proposta do projeto. Funcionam sob a liderança dos gestores (formados no CFEA), em cada um dos treze municípios, contando com o apoio das prefeituras. Estes polos são espaços físicos dotados de estrutura material que atendem os educadores ambientais, formados pelo Projeto Pólen, tendo como objetivo tornar-se referência local para a construção de uma ação educativa ambiental emancipatória, que promove a participação e prepara as pessoas para o exercício do controle social. Serão estes sujeitos formados no curso e que implantaram os polos de EA, que realizam os projetos junto a outros grupos afetados pelas atividades petrolíferas na região.

No presente trabalho optamos por fazer um recorte dentro das atividades propostas pelo Projeto Pólen e focamo-nos em uma de suas atividades – As visitas de acompanhamento (VAs) que são estruturantes no processo de formação do educador ambiental.

Para começar, faremos uma pequena reflexão teórica a respeito do conceito de Educação enquanto formação humana, que situa teoricamente as atividades em foco. Em seguida, apresentaremos como foi o processo de construção e elaboração das visitas de acompanhamento, propostas de continuidade, conteúdos trabalhados e objetivos desses encontros. Na última parte, apresentaremos os principais resultados obtidos e as considerações finais.

Refletindo sobre a Educação enquanto Formação Humana

O desenvolvimento pleno do ser humano ocorre no processo de se tornar um cidadão na sociedade que vive. Educação e formação humana se relacionam e, no cerne desta relação estão processos sociais, cujos objetivos e características ultrapassam a sistematização de conhecimentos e transmissão de conteúdos escolares. Por um lado, nesta concepção, é central "ter o ser humano e sua humanização como problema pedagógico", como salienta Arroyo (2000, p. 14). Por outro lado, Freire (1996, p.25) argumenta que "além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político".

Portanto,

[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. (Freire, 1996, p.110, grifos do original)

A educação como proposta por Arroyo (1998) compreende como "universal não apenas no sentido de para todos, mas de dar conta da universalidade, pluralidade, omnilateralidade das dimensões humanas e humanizadoras a que todo indivíduo tem direito por ser e para ser humano" (idem, p.155), assegurando a educação como um processo de emancipação e construção de autonomia e não, meramente, subserviência das pessoas à ideologia de mercado.

[...] a escola não é o único espaço de formação, de aprendizado e de cultura. O fenômeno educativo acontece em outros espaços e tempos sociais, em outras instituições, nas fábricas, nas igrejas e terreiros, nas famílias e empresas, na rua e nos tempos de lazer, de celebração e comemoração, no trabalho [...] a educação acontece de formas muito diferenciadas. (Arroyo,1998, p. 147).

Para a compreensão da crise da sociedade atual, o desafio é construir formas alternativas de relações sociais e de cidadania e formação humana de cunho democrático, que tenham como referência o ser humano em suas necessidades, potencialidades e cultura vivida. Assim, caminhos são explorados para gerar um novo modelo civilizatório. Isso implica afirmar a educação, em todas as suas dimensões e espaços, como um processo social formador de todas as dimensões do ser humano. Por conta disso a concepção de que a Educação é o processo integral de formação humana, é levado em conta, pois cada ser humano ao nascer necessita receber uma nova condição para poder existir no mundo da cultura. Além do mais, a educação é um bem comum e social garantido em lei e indiscutível sobre sua necessidade. Entretanto, o que se torna discutível num momento de tamanha

velocidade em que a tecnologia se insere no cotidiano e que quase não nos damos conta de quem somos e já passamos a ser outros, é a qualidade da educação.

É reconhecido que o acesso aos conhecimentos e habilidades constitui parte do processo de formação humana, mas não deve ser confundido com a totalidade do processo. Vivencia-se uma nova ordem que tem suas bases nas mudanças paradigmáticas por que passa este fim de século, seja nos pontos de vista social, econômico, cultural, político, tecnológico, entre outros.

Diante de várias teorias para as práticas educativas buscamos para o CFEA do Projeto Pólen, uma proposta de formação continuada dos sujeitos da ação através de espaços diversos para aprofundamento, acompanhamento e discussões sobre diversas temáticas dentro do campo da gestão ambiental pública. A concretização desses aspectos é em si expressão de uma aprendizagem conjunta e de vivência democrática em sociedade, fundamentais ao ato de educar, posto que compreendemos a Educação como:

“... uma prática social cujo fim é o aprimoramento humano naquilo que pode ser aprendido e recriado a partir dos diferentes saberes existentes em uma cultura, de acordo com as necessidades e exigências de uma sociedade. Atua, portanto, sobre a vida humana em dois sentidos: (1) desenvolvimento da produção social, inclusive dos meios instrumentais e tecnológicos de atuação no ambiente; (2) construção e reprodução dos valores culturais.” (Loureiro, Azaziel e Franca, 2003-a:12)

O que caracterizamos até aqui pode ser entendido como categorias gerais para um fazer participativo em educação. Mas estas questões também dizem respeito diretamente a campos da educação mais específicos como a EA, que é nosso foco de atuação. Quintas (1995) nos apresenta uma aproximação deste debate sobre a formação na prática social da EA da seguinte forma:

o esforço da Educação Ambiental deveria ser direcionado para a compreensão e busca da superação das causas estruturais dos problemas ambientais por meio da ação coletiva e organizada. [...] a leitura da problemática ambiental se realiza sob a ótica da complexidade do meio social e o processo educativo deve pautar-se por uma postura dialógica, problematizadora e comprometida com transformações estruturais da sociedade, de cunho emancipatório. Aqui acredita-se que, ao participar do processo coletivo de transformação da sociedade, a pessoa, também, estará se transformando (Quintas, 1995).

Vale ressaltar que interpretamos e abordamos a temática da EA como apresentada por Loureiro (2004), que a define no Brasil a partir de uma matriz que vê a educação como elemento de transformação social (mudança de valores e de padrões culturais associados à ação política e cidadã), inspirada no diálogo, no fortalecimento dos sujeitos, na superação

das formas de dominação capitalistas, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade.

Em uma abordagem emancipatória e crítica de EA, o diálogo, enquanto conceito, recupera seu sentido original de troca e reciprocidade. É neste ponto, que ao se aproximar da emancipação através do processo de formação empreendida pelo Projeto Pólen, se faz necessária a formação continuada.

Durante o CFEA, ao adquirir instrumentos através da problematização de suas práticas, o que leva à ressignificação delas e percepção crítica da realidade, o gestor (formando do processo) ao voltar para seu cotidiano encontrará especificidades e novos aspectos da realidade que alterarão sua prática social. Faz-se importante então o acompanhamento dos relatos destas novas experiências agora diante de uma realidade resignificada. Além de possibilitar reforçar a validade dos instrumentos aprendidos, também possibilita a disponibilização de outros instrumentos, de acordo com as necessidades percebidas, visando aprimorar esta prática social de sujeitos em movimento, inseridos em mundo em constante transformação. Assim sendo, é estimulada a valorização do diálogo, pois “educadores ” e “educandos”, atores sociais, seguem atuando conjuntamente em seu processo de formação.

A partir destas considerações nos direcionaremos ao pensamento Freireano que compreende o conceito de formação permanente como resultado da “condição de inacabamento do ser humano e de sua consciência desse inacabamento”. O homem é um ser inconcluso e deve ser consciente de sua inconclusão, através do movimento permanente de ser mais (Freire, 1997).

“A educação é permanente não por que certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda, pelo falto de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí”. (Freire, 1997 p. 20).

Desenvolvimento/Metodologia

O CFEA do Projeto Pólen, com a concepção metodológica adaptada de Medina (1999), foi organizado em quatro módulos presenciais ao longo de cerca de dois anos. Ao final de cada módulo foram propostas atividades que os educandos (professores e técnicos das secretarias municipais) desenvolveram em suas localidades.

A figura 1 expressa resumidamente as ações do Projeto Pólen e onde estão inseridas as Visitas de Acompanhamento (VAs).

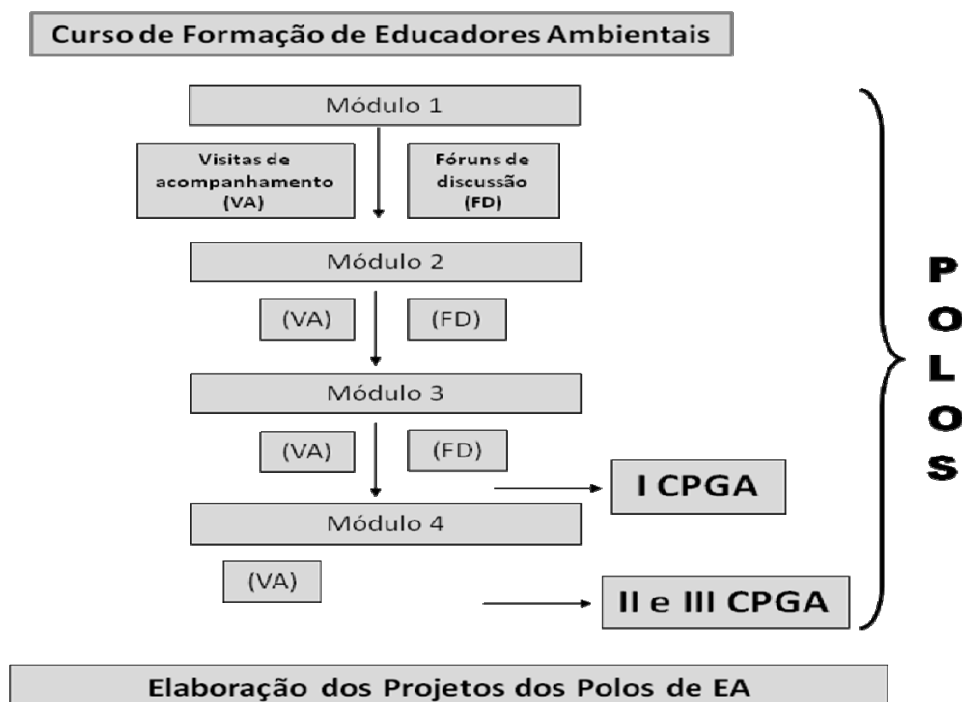


Figura 1: Quadro esquemático do Curso de Formação de Educadores Ambientais.

Temos apresentado na figura 1 o cerne do Projeto Pólen, ou seja, os quatro módulos do CFEA, entremeado com as VAs e os fóruns de discussão. Além disso, a partir do módulo III tivemos os Cursos de Princípios em Gestão Ambiental e após o quarto módulo propriamente dito, os educandos (gestores dos polos de cada município) se focaram na elaboração dos projetos do polos com o apoio da equipe executora.

Podemos entender as VAs como encontros realizados periodicamente entre a equipe executora do projeto e os participantes do polo de educação ambiental de um município a fim de: (i) acompanhar o andamento das atividades propostas durante os módulos; (ii) acompanhar e auxiliar no processo de implementação do polo de EA e (iii) auxiliar no processo de formação dos grupos dos polos. Sendo assim, elas respondem por uma continuidade e coesão no desenvolvimento não somente do curso, mas de todo o projeto, sendo um instrumento útil para o alcance de objetivos mais gerais do projeto, tais como a consolidação dos polos de EA.

As visitas tiveram duração média de 3 horas de encontro, tendo uma estimativa de término de até 4 horas de duração. Ocorreram em clima descontraído, na maioria dos casos, iniciando sempre de modo a estreitar as relações entre educandos e equipe executora. Freqüentemente, eram iniciados com uma conversa informal sobre o andamento das atividades no município, o que eles estavam realizando em relação às questões

ambientais e do polo, as novidades locais, etc. A seguir ocorria a discussão das questões de conteúdo e depois as questões sobre estrutura e funcionamento dos grupos, demandas burocráticas e relacionais.

As visitas foram baseadas nas demandas oriundas dos módulos do curso de formação. Descreveremos a seguir as etapas de construção desta trajetória. No módulo I, cuja temática principal foi a percepção ambiental, as VAs tratavam de questões que retomavam as discussões iniciadas durante o mesmo, bem como resgatavam a importância do uso do material distribuído, trazendo para o encontro reflexões de forma que elaborassem um panorama das questões ambientais presentes em suas áreas de atuação, iniciando ali uma análise e reflexão sobre causas, efeitos, principais atores envolvidos, suas formas de organização, seus interesses, assim como conflitos potenciais e explícitos e possíveis encaminhamentos.

No módulo II a temática principal foi a EA no processo de gestão ambiental pública. Para dar continuidade a esta temática optamos por discutir nas VAs um aprofundamento dos conceitos sobre o tema gestão ambiental, seus atores sociais, vivências, potencialidades e dificuldades, levando em conta as experiências vivenciadas no módulo e com base nos resultados do diagnóstico elaborado pelo próprio projeto durante o ano de 2006. Simultaneamente a estas visitas, questões relativas a problemas institucionais, conflitos internos e de ordem pessoal, também foram administrados pela equipe executora.. Porém, destes assuntos trataremos mais adiante.

No módulo III a temática central tratou de instrumentalizá-los para o controle social, através da discussão de temáticas voltadas para legislação ambiental, impactos socioambientais, e medidas mitigadoras do processo de exploração de petróleo e gás. Com esse suporte teórico constituído ao longo dos módulos do curso de formação e do apoio continuado oferecido pela equipe executora, nas VAs realizadas a seguir demos início à discussão sobre a forma de ação dos gestores nos seus polos e a construir elementos norteadores da prática da EA neles. Para facilitar o funcionamento dos polos e exercitar a organização dos grupos, estimulamos a criação de um regimento interno dos mesmos. Paralelamente a esta proposta, começamos a estimular as reflexões que aconteceram no fórum de discussão subsequente, que tratou da elaboração dos projetos locais, Passamos então a auxiliá-los na organização das idéias, dos quesitos indispensáveis a um projeto socioambiental, e quanto à coerência e viabilidade das idéias.

O módulo IV remeteu a questões referentes à elaboração e avaliação de projetos socioambientais, tendo também discutido os Centros de EA e Políticas de Currículo voltadas para a EA entre outros temas que estavam diretamente ligados ao futuro do Projeto Pólen na região. Com um caráter mais operacional as VAs visaram concluir a redação completa dos projetos dos polos.

Abaixo, segue um quadro que sintetiza as atividades de acompanhamento:

Quando?	Atividades Propostas	Objetivos das VAs	Resultados
Atividades entre módulos I e II	Discussão de textos e conceitos; Realização da atividade de sensibilização para o diagnóstico ambiental; construção de mapa ambiental	Discutir questões iniciadas durante o módulo anterior; construção de mapas ambientais e apresentação da proposta de atividade de estudo de caso.	Mapa ambiental, estudo de caso
Atividades entre módulos II e III	Apresentação dos dados do diagnóstico; Discussão e questionamentos sobre a temática da gestão ambiental; elaboração de proposta simplificada de projeto de EA	Aprofundar conceitos sobre o tema gestão ambiental, atores sociais, potencialidades e dificuldades, a partir das experiências vivenciadas no módulo II e com base nos dados do diagnóstico.	Projeto simplificado de EA
Atividades entre módulos III e IV	Resgate do Estudo em Grupo (Mód III) – Organização, funcionamento e trabalho nos grupos dos polos	Discutir a forma de ação dos gestores nos polos e construir elementos norteadores da prática da EA nos polos.	Regimento interno
Atividades após o módulo IV Elaboração dos projetos dos polos	Discussão do tema; Elaboração da Carta de intenções (1ª Etapa); Elaboração do Plano de Ações (2ª Etapa); Elaboração da apresentação para a banca (3ª etapa); Elaboração da apresentação do projeto (4ª etapa) Redação final do projeto (5ª etapa).	Apoiar as atividades das diferentes etapas da elaboração do projeto do polo.	Carta de intenções; Plano de ações integradas; Apresentação do Projeto; Projeto final

Quadro 1- Síntese das atividades das visitas de acompanhamento das atividades entre módulos.

Não é nosso objetivo aqui quantificar precisamente quantas VAs foram feitas ao longo do processo de formação. A proposta inicial foi realizar uma visita entre cada um dos módulos de formação, além de um momento onde estariam reunidos todos os 40 gestores em encontros que denominamos fóruns de discussão. Contudo, na prática as visitas se tornaram encontros mais frequentes em função das demandas dos grupos, sejam elas de caráter político, pedagógico ou de mediação das relações interpessoais.

Principais resultados e discussão

Pensando na permanência do processo de formação, as VAs permitem o desenvolvimento de atividades que resgatam conteúdos e/ou metodologias tratados durante os módulos do curso e ao prolongar a interação com a equipe executora, possibilitam a continuidade do processo formativo e o trabalho nos polos de EA. Neste sentido têm o papel pedagógico de exercitar a responsabilidade, o compromisso e a rotina das metas a serem buscadas e verificadas, à medida que tarefas dadas aos grupos são acompanhadas e avaliadas pela equipe executora.

A posição teórica assumida no Projeto Pólen pressupõe uma EA emancipatória, crítica e transformadora e caracteriza-se como um processo educativo permanente que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente (Loureiro, 2006). As VAs são planejadas pela equipe executora do projeto que define as pautas desses encontros. Inicialmente com intuito de acompanhar as demandas passadas para os gestores após os módulos de formação e agora decorrentes do desenvolvimento dos projetos de EA em cada município. Os frequentes encontros presenciais entre os gestores e a equipe executora estimulam o retorno dos resultados das atividades dentro dos prazos e apoiam a execução das tarefas passadas.

Simultaneamente a estas visitas voltadas para os conteúdos e aspectos formativos, questões institucionais (por ex., mudança no quadro político do município), conflitos internos entre os membros dos polos além dos problemas de ordem pessoal, também são administrados pela equipe executora. A formação se torna um processo contínuo que não se resume aos módulos de formação, mas se prolonga entre eles. Um processo que não se resume à tecnicidade do repasse e da cobrança de conceitos importantes no processo de gestão, mas que penetra em questões do contexto pessoal de cada gestor, do grupo e do grupo em meio a aspectos da realidade político-administrativa de cada município.

Para facilitar o entendimento separamos em subitens o que queremos dizer quando as visitas se apresentam em caráter de enfoque político, pedagógico e interpessoal. Foi uma categorização que fizemos para facilitar a compreensão do leitor, o que não significa dizer que numa única visita não tenhamos tido todos os três enfoques envolvidos.

Enfoque Político

Vale voltarmos no tempo e relembrarmos de forma breve como foi a chegada do Projeto Pólen aos municípios, isso no começo do ano de 2006. Foi uma opção do projeto

formalizar parcerias institucionais, mas especificamente, entre as Secretarias de Educação e Secretarias de Meio Ambiente desses municípios. Apresentávamo-nos nessas secretarias, falávamos da intenção do projeto, da fase que estávamos vivendo de conhecer a realidade local através de um diagnóstico socioambiental, da intencionalidade em fazermos um curso de formação de educadores ambientais e com isso fomos ganhando confiança, espaço e apoio nestes municípios. Na sequência fizemos o processo de seleção da turma de profissionais que seriam liberados pelas secretarias para participar do CFEA, com base nos Acordos de Cooperação Técnica assinados que previam como contra-partida dos municípios a concessão do espaço físico para o polo e as horas de dedicação desses profissionais para as ações do projeto. Esses acordos de cooperação se fazem necessários para viabilizar a execução do projeto nesses municípios e formalizar a ligação do poder público local ao projeto.

Entretanto são comuns as mudanças de pessoal na estrutura administrativa. A experiência ocorrida entre final de 2008 e início de 2009 demonstrou a influência das eleições municipais na gestão dos polos de EA. O quadro gerado foi de substituição de secretários que já conheciam e apoiavam o projeto bem como de alguns gestores dos polos, que ou foram desligados ou perderam sua carga horária de dedicação ao projeto sendo muitas vezes remanejados de função dentro de suas secretarias. Portanto, estabeleceu-se aí uma nova estratégia de convencimento e busca de apoio para a permanência e aceitação do projeto e conseqüentemente dos polos nos municípios.

Esta dinâmica não se deu e não se dá de forma igual entre os polos. Há municípios em que os governantes continuaram, em outros, apesar das mudanças, houve imediata aceitação do projeto que foi assumido dentro do novo quadro político que compartilhou as propostas do projeto. Mas em alguns municípios foi necessário mais de uma reunião de representação do projeto e das ações realizadas até o momento para reafirmar as parcerias.

O trabalho de convencimento é constante, quase que diário. Seja por parte da equipe executora com os secretários, prefeitos, seja da equipe executora no papel de estimuladora e incentivadora constante dos gestores para levarem adiante o trabalho nos polos.

Enfoque pedagógico

Pode-se compreender que a ação de educar, enquanto ação formativa, é uma atividade extremamente complexa e de alta responsabilidade. Segue um percurso não espontâneo e casual e, em suas formas mais complexas e elevadas, deve ser conduzido por pessoas qualificadas e interessadas em exercer a função de educar e mais que isso, que tenham a sensibilidade de ver no outro os progressos que estão sendo alcançados.

Devemos considerar que a educação não pode ser de responsabilidade de nenhum indivíduo isoladamente, nem mesmo de qualquer instituição especializada. Nenhum indivíduo isoladamente, por melhor preparo que tenha, será capaz de oferecer ao outro a plenitude da formação de que ele necessita, bem como nenhuma instituição, ainda que seja definida como educativa, poderá dar conta desse papel. Essa tarefa é de responsabilidade social. E é com esta idéia que os profissionais do projeto se dedicam, se aprimoram e trabalham junto aos educandos (gestores dos polos).

Podemos dizer que um dos objetivos principais de fazermos as VAs é aumentar a aproximação entre os educandos (gestores dos polos) e a equipe executora do projeto. Consideramos que pedagogicamente é importante a atenção particular que damos a cada polo, pois são nestes encontros de VAs que podemos estar mais próximos dos gestores e perceber suas dificuldades técnicas e de aprendizagem que não aparecem nos módulos, podemos trabalhar com questões particulares relacionadas a cada educando em cada município.

As VAs respondem por uma maior continuidade e coesão no desenvolvimento do projeto. Neste sentido têm o papel pedagógico de exercitar a responsabilidade, o compromisso e a rotina das metas a serem buscadas e verificadas, à medida que tarefas dadas aos grupos são acompanhadas e avaliadas pela equipe executora. Trata-se de um trabalho de acompanhamento periódico, seja por meio dos recursos tecnológicos, como trocas de *e-mails* ou telefonemas, seja através de constantes encontros realizados com os educandos e a equipe executora.

Enfoque interpessoal

Na conjuntura atual, a Equipe Executora do projeto tem sob sua responsabilidade a viabilização dos polos de EA. Cabe-lhe, gerir o processo educacional e, sobretudo a formação e desenvolvimento dos grupos de gestores ambientais nos treze municípios envolvidos no projeto. Tem, assim, o papel de administrar aspectos psicossociais, essencialmente relativos às relações interpessoais e aos conflitos originados dessas relações, assim como promover condições para a integração entre as pessoas, membros dos grupos entre si, e desses com os objetivos do projeto.

Os polos de EA apresentam número variado de membros (entre 02 a 10 integrantes cada grupo) que deverão funcionar de maneira coordenada e com ações integradas. Isto é, deverão funcionar como grupos para que se obtenha unicidade de pensamento e de direção das ações planejadas. Enfrenta-se assim o desafio de possibilitar a esses polos funcionarem como verdadeiros grupos de trabalho. A fim de atender a esta demanda, o projeto, por meio da Equipe Executora lançou mão de um trabalho específico da Psicologia Social voltado para a dinâmica de grupos.

Ao longo da existência do Projeto Pólen, a Equipe Executora foi percebendo a necessidade de investir na formação e desenvolvimento dos grupos que constituem os polos de EA. Não bastava oferecer a esses grupos a capacitação técnica planejada nos cursos. A prática vivenciada a partir da implantação dos polos demandou um novo olhar para se entender o que influenciava no comprometimento das pessoas vinculadas ao projeto bem como na eficácia do trabalho desempenhado. Para maiores detalhes ver Ferreira e colaboradores (2009) (neste Simpósio), onde se indica que os resultados avaliados até o momento sugerem que o assessoramento de profissionais especializados, psicólogas organizacionais e do trabalho, confere o suporte necessário para a construção da identidade do projeto, e que se constitui em um diferencial em relação a outros projetos de EA. Além disto, as intervenções e dados apontam que o desempenho colaborativo e harmônico dos grupos facilita o alcance de seus resultados.

Considerações finais:

Da forma como organizado, o CFEA exercitou vínculos permanentes do pessoal em formação com os formadores através das VAs nos municípios, entre outras atividades oriundas do Projeto Pólen; bem como proporcionou a aquisição de conhecimentos e estimulou a consciência crítica sobre a realidade percebida, favorecendo o processo de transformação individual e coletivo, reforçando laços e compromissos.

Além disto, a importância do acompanhamento durante a formação está em tornar o processo um ato contínuo que não se resume a momentos estanques de formação, mas se prolonga entre eles. Um processo que não se resume à transmissão de conceitos que o formador entende como importantes, mas que penetra em questões do contexto de cada educador em seu grupo social e em aspectos da sua realidade político-administrativa, favorecendo a transformação da realidade socioambiental e a intervenção dos sujeitos com vistas à superação das assimetrias existentes e geradas pelas atividades produtivas dos empreendimentos.

Agradecimentos: Gostaríamos de agradecer a todos os integrantes do Laboratório de Limnologia/UFRJ; aos integrantes do NUPEM/UFRJ; a Coordenação de Licenciamento Ambiental da Petrobras, Unidade de Negócios da Bacia de Campos (CLA/UN-BC); aos educandos/gestores que têm contribuído para que o projeto se realize e para que a discussão sobre a questão ambiental no interior do Estado do Rio de Janeiro se torne mais profunda; aos municípios envolvidos e a toda a equipe do Projeto Pólen, aos que já passaram e aos que continuam.

Apoio: PETROBRAS

Realização: Projeto Pólen (NUPEM/UFRJ)

Referências bibliográficas:

BRASIL. MMA- **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**, 2004

FERREIRA, L.S.; MELO, C.M.C.; SANTOS, L.M.F.; FARJALLA, M.S. e BOZELLI, R.L.
Desenvolvendo os Grupos: uma experiência em pólos de Educação Ambiental do Projeto
Pólen. VI Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental, Argentina, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 33ª ed., 2006.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 41ª ed. 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2007.

LOUREIRO, C.F.B., AZAZIEL, M. e FRANCA, N. **Educação Ambiental e Gestão
Participativa em Unidades de Conservação**. Rio de Janeiro: Ibama/Ibase, 2003a.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo, Cortez,
2004.

LOUREIRO, C.F.B. **Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e
resolução de conflitos**. *Gestão em Ação*, Salvador, v.7, n.1, jan./abr. 2004.

LOUREIRO, C. F. B. **Emancipação e Complexidade: para o repensar das tendências em
Educação Ambiental**. *Cadernos de Educação*, Pelotas, ano 13, n. 25, jan/jun. 2005.

QUINTAS, J.S. **Introdução à Gestão Ambiental Pública**. Revista Brasília: Ibama , 2ª ed.
2006.

QUINTAS, J.S e GUALDA, M.J. **A Formação do Educador para Atuar no Processo de
Gestão Ambiental**. Brasília: Ed. IBAMA, 1995.

RODRIGUES, N. **Educação: da Formação Humana à construção do sujeito ético**.
Campinas, Revista Educação & Sociedade, vol.22 nº76. 2001

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2003, 36a ed..